

Zero Hora  
6/4/96  
252

190	272								
-----	-----	--	--	--	--	--	--	--	--

SAÚDE

# Expectativa de vida dos índios cai 11% em três anos

Presidente da Funai classifica a situação como "genocídio"

LUCIANE AQUINO  
Sucursal/Brasília

A falta de atendimento médico está jogando os índios brasileiros no caminho da extinção. A situação é tão grave que é classificada pelo próprio presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger, como "genocídio". Os dados são alarmantes e mostram as sociedades indígenas na contramão da história. Enquanto a grande maioria dos brasileiros morre já na terceira idade em decorrência de doenças chamadas de Primeiro Mundo - problemas circulatórios, enfarto e acidentes de trânsito -, os índios estão morrendo cada vez mais jovens por causa de enfermidades primitivas, como diarreias e infecções pulmonares.

Um estudo pioneiro realizado pelo médico Rômulo César Sabóia Moura, do Instituto de Medicina Tropical de Manaus, demonstra que a expectativa de vida dos índios caiu 11,6% nos últimos três anos. Em 1993, a esperança para um indiozinho de cinco anos era de que ele vivesse até os 48,2 anos. Em 1994, a previsão caiu para 45,4 anos. Em 1995, a expectativa de vida desceu ainda mais: 42,6 anos. Em 1995, os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Esta-

tística (IBGE) informavam que as mulheres brasileiras estavam vivendo em média 70,3 anos, e os homens, 63,8 anos.

**VIDA BREVE**

As expectativas de vida dos índios por Estado (em anos)

- Alagoas - 62,7
- Rio Grande do Sul - 60,3
- Santa Catarina - 58
- São Paulo - 56,3
- Roraima - 37
- Mato Grosso do Sul - 37,7
- Pará - 38
- Amazonas - 42,8

Fonte: Funai

Os dados da Funai demonstram que, no ano passado, morreram 2% da população indígena do país. A etnia mais ameaçada é a dos ianomâmis, uma tribo nômade que vive em Roraima. Dos cerca de 10 mil ianomâmis que habitavam o Brasil há quatro anos, de acordo com a organização não-governamental Médicos Sem Fronteiras, já morreram 2,3 mil. As principais causas são o contato com a civilização branca, a consequente contaminação com novas doenças e a falta de agentes de saúde para tratá-las.

Os índices de mortalidade infantil também demonstram um grande abismo entre os números que valem para a sociedade brasileira em geral e para as comunidades indígenas. Em 1987, enquanto a mortalidade infantil média registrada pelo IBGE na região Norte era de 54,3 mortes para cada criança menor de um ano de idade, entre os índios as taxas variavam, de acordo com a Funai, entre 78,77 e 153,26.

O estudo de Sabóia Moura mostra que uma das principais razões da tragédia indígena é a falta de cuidados de saúde. O médico apurou que 22,3% dos índios que morreram no Brasil entre janeiro de 1993 e outubro de 1994 não tiveram nenhum tipo de assistência médica. A ausência de agentes de saúde e a consequente falta de diagnóstico da motivação do óbito é registrada nos boletins das 47 unidades da Funai - pesquisados por Sabóia Moura - como a primeira causa de morte nas tribos.

O presidente da Funai sabe que o problema da saúde indígena é grave, mas não tem recursos para combatê-lo. "Os dados são desconfortáveis demais, e nós não queremos repeti-los no próximo ano", diz Gaiger. "O Estado precisa decidir se patrocina esse genocídio ou se toma uma providência para evitá-lo."



Ianomâmis: contato com civilização branca está dizimando a etnia



Caingangues: maior facilidade para procurar auxílio médico

## Caingangues do Sul vivem mais

A etnia indígena com maior expectativa de vida no Brasil são os caingangues do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Em 1995, de acordo com o estudo do médico Rômulo César Sabóia Moura, a previsão era de que os integrantes dessa tribo vivessem em média até os 56,9 anos. Mesmo assim, bem menos do que a média brasileira, que é de 70,3 anos para as mulheres e 63,8 anos para os homens. Os caingangues, de acordo com a Funai, são 14,3 mil indivíduos.

Sabóia Moura afirma que o motivo para a maior expectativa de vida entre os caingangues, que enfrentam situações de miséria, é a facilidade para buscar auxílio médico. A regra vale para as outras etnias que morrem mais tarde: são tribos que vivem nas periferias das cidades. As etnias que menos vivem são os ianomâmis (34 anos), os tikunas, do Amazonas (34,5 anos), e os macuxis, também do Amazonas (36 anos).